

DESPORTO ADAPTADO: UM VEÍCULO DE SOCIALIZAÇÃO E DE INTEGRAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

José Pedro Leitão Ferreira

Centro de Estudos Biocinéticos / Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

No dia-a-dia vivemos as nossas vidas como seres sociais. Para tal reunimos todo o tipo de informação através da observação do comportamento dos outros e do ajustamento dos nossos comportamentos aos demonstrados pelos restantes membros da nossa sociedade. Em termos de comportamento social temos consciência de que as outras pessoas esperam algo de nós, ao mesmo tempo que nós próprios temos expectativas relativamente ao nosso comportamento, pelo que procuramos actuar de acordo com essas mesmas expectativas.

Os estudos sociológicos no âmbito do desporto e da actividade física adaptada surgem a partir do momento em que passa a haver interesse em estudar o comportamento dos indivíduos com deficiência como grupo, o qual é influenciado pela relação que estes estabelecem entre si, pelas suas biografias e pelo contexto social e desportivo em que se mantêm activos. Estes estudos poderão contribuir para aumentar o nível de informação disponível sobre a problemática da deficiência e contribuir para que os indivíduos com deficiência tomem opções informadas sobre o modo como se relacionam socialmente. Ao desporto e à actividade física adaptada reconhece-se um importante contributo fomentando a igualdade de oportunidades entre pessoas com e sem deficiência através da criação de novas experiências e de novas vivência, não só no contexto desportivo mas também no contexto educativo e social.

Segundo Williams (1994a, 1994b) a investigação sociológica da actividade física adaptada proporcionou uma visão bem diferente da visão biomédica vastamente difundida. Ela possibilitou o levantamento de novas questões, de diferentes conceitos, de diferentes formas de pensar o tipo de prática e a forma de condução de toda a investigação, focando:

- (a) A relação entre a actividade física adaptada e outras esferas da vida social (ex: família, educação, política, economia, os media, religião, medicina, serviços comunitários e desporto)
- (b) A organização social, o comportamento em grupo e os padrões de interacção social que existem em contextos de actividade física adaptada (ex: como se estabelecem, como se mantêm, como se alteram);

- (c) Os factores culturais, estruturais e situacionais que afectam a actividade física adaptada e a experiência individual em termos de actividade física adaptada;
- (d) Os processos sociais que ocorrem em conjugação com a actividade física adaptada (processos tais como a socialização, a estigmatização, a integração, o conflito, a estratificação social e as alterações sociais).

Em síntese, a sociologia da actividade física adaptada interessa-se pelo modo como os comportamentos dos indivíduos, num grupo, são influenciados pelas relações sociais que eles estabelecem, pelas suas experiências sociais passadas e pelos contextos sociais nos quais a actividade física adaptada ocorre.

Uma questão bastante pertinente no âmbito da sociologia do desporto e da actividade física adaptada prende-se com as razões pelas quais a participação dos indivíduos com deficiência no desporto é tão baixa. Segundo dados apresentados por Williams e Newman (1988) a taxa de participação de indivíduos com deficiência no desporto adaptado, no Reino Unido, rondava os 2,5% enquanto Sherrill, Pope e Arnhold (1986) apresentavam valores inferiores a 1% em indivíduos com deficiência visual a competir nos Estados Unidos. Em Portugal, não existem números exactos quanto à percentagem de praticantes por área de deficiência, mas quem trabalha no terreno tem a noção que o número é igualmente baixo. Segundo dados fornecidos pela ANDDEM, relativos ao ano de 2004, existiam 1113 atletas do sexo masculino e 472 atletas do sexo feminino a participar em todas as actividades de natureza desportiva e recreativa na área da deficiência mental. Este número constitui uma percentagem muito reduzida de praticantes considerando o universo das pessoas com deficiência mental.

Será pois necessário encontrar uma explicação para esta situação. Estudos recentes utilizando um inquérito relativo à atitude dos consumidores face à actividade física, ao peso corporal e à saúde levado a cabo na União Europeia, apontam Portugal como sendo o país com maior nível de inactividade física com 47,6% de indivíduos inactivos. Estes valores preocupantes podem ser confirmados tendo por base estudos anteriormente realizados a nível nacional (Marivoet, 2001) que apontam para a existência de baixos índices de participação desportiva, com 23% de média nacional. Por outro lado, dados nacionais relativos a todos os desportos colectivos e individuais apontam para a existência de valores baixos de participação a nível federado, com taxas de participação de 24% para os rapazes e 7% para as raparigas, bem como para a existência de um ratio de 1 para 8 entre o número de Portugueses do sexo feminino e masculino a praticar desporto, com características formais, em Portugal. Com base nestes números podemos facilmente concluir que a não participação constitui o perfil de comportamento mais frequente face à prática desportiva, em Portugal.

Williams (1993) apresenta uma explicação bastante simples para este tipo de situações, baseando-se em dois conceitos sociológicos importantes, o conceito de **cultura** e o conceito de **soci-**

alização. O primeiro engloba os aspectos do comportamento social que cada um dos cidadãos de um país deverá aprender, incluindo a língua, as regras, os valores e as crenças dessa sociedade. O segundo engloba o processo através do qual se adquire a cultura, nessa sociedade. Uma vez que as regras e os valores sejam apreendidos, nessa sociedade, os indivíduos passam a comportar-se “com naturalidade”. Fazendo o transfere deste raciocino para a questão da reduzida participação, se a não participação é a norma socialmente instituída tanto para indivíduos sem deficiência como para indivíduos com deficiência, então a não participação é tida como um comportamento “natural” para ambos os grupos. Seguindo o mesmo critério, se a baixa ou a não participação são a norma tanto para indivíduos sem como para indivíduos com deficiência então a participação destes em termos da prática desportiva será vista, em termos sociais, como algo “contra-natural”.

Toda esta situação resulta do facto de a sociedade em que vivemos estruturar as nossas vidas de modo a limitar a forma como actuamos. No caso dos indivíduos com deficiência a sociedade estrutura as suas vidas de modo a que o desporto e prática regular de exercício físico não seja vista, nem por eles nem por outros que os rodeiam, como algo de importante, facto que reflecte o pensamento e o modo de estar da maioria da população portuguesa. Isto conduz a uma situação na qual o indivíduo com deficiência possui poucas oportunidades de prática desportiva regular mas, mesmo quando as tem, poderá não querer aproveitar essas oportunidades uma vez que não as considera importantes para a melhoria da sua saúde e qualidade de vida.

Nas últimas décadas, a maioria dos estudos realizados no âmbito da sociologia do desporto e da actividade física adaptada apresentaram uma de duas abordagens distintas. A primeira, baseada no modo como o desporto e outras actividades têm sido utilizadas de forma explícita, ou não, para recomendar normas e valores e regras sociais genéricas vigentes na sociedade, denomina-se de **socialização através do desporto** e constitui uma abordagem a qual utiliza implicitamente a ideia de que o desporto constitui um veículo efectivo de aprendizagem social. A segunda visa o estudo da **socialização para o desporto** e tem por base a teoria da conceptualização da socialização como aprendizagem social, proposta por Bandura (1969) e por Kenyon e MacPherson (1981), segundo a qual o indivíduo é tido em permanente contacto social com variados agentes de socialização em variadas situações de socialização, que neste caso estão associadas à prática desportiva. Estas situações podem envolver o contacto com familiares, amigos, professores ou pares, em diferentes contextos sociais tais como a casa, a escola ou a comunidades. A acção destes agentes de socialização é determinante, uma vez que os indivíduos com deficiência têm tendência a aprender por imitação, copiando os comportamentos que vêem ou que lhes são dados como modelos, em diferentes contextos sejam eles educativos, desportivos ou sociais. Estes indivíduos aprendem os comportamentos, as regras, os valores e as crenças das pessoas que os rodeiam e optam por elas como sendo suas, durante um período de tempo até que a sua experiência confirme a legitimidade dessas atitudes e desses comportamentos (Williams, 1993). Uma vez que os

indivíduos com deficiência vivem a sua vida em contextos sociais diferenciados será legítimo esperar que o impacto e a importância dos diferentes agentes de socialização seja diferente, de deficiência para deficiência ou de grupo para grupo, de acordo com o contexto social em que a actividade desportiva ocorre.

Por outro lado, a constante procura para compreender e explicar o comportamento dos praticantes e as suas tomadas de decisão fez com que a socialização para o desporto se interesse igualmente pela análise dos motivos que levam os indivíduos com deficiência a participar no desporto como forma de estudo da motivação, nos mais variados envolvimento de prática desportiva (Biddle, 2001). Também na área do desporto e da actividade física adaptada treinadores e investigadores sentem necessidade de conhecer de forma mais detalhada os motivos que levam estes atletas a praticar desporto de modo a proporcionar oportunidades mais adequadas de prática e de competição. No contexto nacional, Ferreira (2003) levou a cabo um estudo envolvendo 116 praticantes de desporto adaptado de diferentes modalidades individuais e colectivas (boccia, basquetebol em cadeira de rodas, natação e atletismo) aos quais foi administrado o Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross e Huddleston (1983) adaptado para a população portuguesa por Cruz (1986). Os resultados obtidos apontam para o facto de os motivos de participação tidos como mais importantes estarem associados às dimensões capacidades, divertimento e relação em grupo, envolvendo aspectos de natureza técnica, de diversão e afiliativa, enquanto que os motivos tidos como menos importantes estavam claramente associados à dimensão reconhecimento social. Os motivos de participação no desporto e na actividade física demonstraram ser igualmente diferenciados em função do género, com as raparigas a apresentarem como motivos mais importantes os associados à dimensão relações em grupo (*estar com os amigos*), à dimensão divertimento (*fazer novas amizades*) e à dimensão capacidades (*melhorar as capacidades*), centrando a sua atenção em aspectos de natureza afiliativa, de diversão e técnica. No caso dos rapazes, os motivos tidos como mais importantes situavam-se na dimensão capacidades (*melhorar as capacidades e continuar a progredir de nível*) e na dimensão relações em grupo (*estar com os amigos*), envolvendo aspectos de natureza técnica e relacional. Um outro aspecto bastante interessante, associado aos motivos de participação no desporto e na actividade física, tem a ver com o facto de poderem existir motivos múltiplos, isto é, as pessoas poderem participar no desporto e na actividade física por mais de uma razão, o que subentende a existência de competição entre esses mesmos motivos baseados em conflitos de interesse. Por último, os motivos variam também no tempo, ou seja, não se mantêm constantes ao longo da vida do indivíduo.

Este último aspecto permite-nos compreender de forma mais clara os motivos de participação apresentados por diferentes atletas com deficiência em função do nível de competição em que participam. Ainda no mesmo estudo, Ferreira (2003) verificou que os atletas de nível regional apresentavam como motivos mais importantes os associados à vontade de aprender novas

capacidades, de melhorar mais as existentes e de melhorar o seu nível de saúde e de bem estar, demonstrando maiores preocupações com a sua evolução técnica mas também com a melhoria e manutenção da sua saúde. Os atletas de nível nacional davam mais importância aos motivos relacionados com o divertimento e com as relações em grupo, mais associados a aspectos de relacionamento e de convivência social. Por sua vez, os atletas de nível internacional apresentavam, em primeiro lugar, um gosto claro pela prática de exercício físico mas a vontade de continuar a progredir de nível (técnico e competitivo) e o desejo de melhorar as capacidades são igualmente motivos tidos como de máxima importância. Por último, os atletas paralímpicos, para além do desejo de melhorarem as suas capacidades apresentavam também como motivos mais importantes, o gosto de vencer e o gosto pelas recompensas que o desporto dá, possivelmente associados a aspectos relacionados com a fama, com a glória das vitórias e com os prémios, e porque não, aos subsídios que começam a ser justamente atribuídos na área do desporto adaptado.

Poucos são os estudos realizados analisando o impacto dos diferentes agentes de socialização ao nível da criação de hábitos de prática desportiva (Dickinson, & Perkins, 1985; Hopper, 1986; Kennedy, 1980; Williams, 1994a; Williams, & Kolkka, 1998; Williams, & Taylor, 1994). O objectivo do presente estudo era conhecer quais os principais agentes específicos de socialização que desempenharam um papel importante em termos de primeiro contacto entre indivíduos com deficiência e a prática desportiva regular, ou seja, identificar quais os agentes de socialização que desempenharam um papel importante na motivação dos atletas com deficiência para a prática desportiva, tanto em termos de iniciação como ao longo da sua carreira desportiva.

METODOLOGIA

O presente estudo envolveu 60 atletas com deficiência, 21 com deficiência mental ligeira praticantes regulares de atletismo e 39 com deficiência motora praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. A média de idades dos participantes era de $28,37 \pm 13,24$. Todos os sujeitos tinham idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos. Os indivíduos com deficiência motora apresentavam diferentes tipos de lesão, 14 eram amputados, 12 eram paraplégicos, 8 possuíam sequelas de poliomielite, 3 spina bífida e 1 possuía assimetria dos membros inferiores enquanto outro possuía artrose congénita. Os dados foram recolhidos através da administração de um questionário desenvolvido com base nos trabalhos realizados por Loy e Ingham (1973), Williams (1994a) e Williams e Taylor (1994), relacionados com a socialização para o desporto e com a identificação dos principais agentes de socialização, em função do contexto social em que a actividade desportiva decorria, contribuindo para um melhor conhecimento daquilo que leva os praticantes com deficiência a envolverem-se na prática desportiva adaptada. Este questionário para além de uma secção biográfica era constituído por duas questões base, as quais deveriam ser respondidas através da análise de uma lista de 14 possíveis agentes de socialização. A primeira

questão visava a identificação de qual o agente que motivou, pela primeira vez, o praticante para participar em actividades físicas e desportivas adaptadas. A segunda questão prendia-se com a identificação de quais os dois principais agentes que exerceram uma influência mais decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo do trajecto desportivo do praticante. Como principais agentes de socialização, e de acordo com a revisão da literatura, foram considerados: os pais, os familiares, amigos sem deficiência, amigos com deficiência, a escola, os professores, os médicos, os terapeutas, grupos desportivos ou associações de indivíduos com deficiência, grupos desportivos ou associações de indivíduos sem deficiência, os treinadores, revistas e jornais, televisão e rádio, outros.

RESULTADOS

A tabela 1 apresenta os resultados relativos à identificação do primeiro agente de socialização para a prática desportiva em praticantes com deficiência.

Os amigos com deficiência (33,3%) e os professores (23,3%) foram apontados como os agentes que, pela primeira vez, motivaram os atletas inquiridos em termos de prática desportiva regular. O cruzamento de variáveis (*crosstabulation*) entre a modalidade desportiva praticada e o agente de socialização responsável pelo primeiro contacto demonstrou que são os praticantes de basquetebol em cadeira de rodas com deficiência motora (31,6%), que mais indicam os amigos com deficiência como agentes de socialização que os motivaram pela primeira vez para a prática desportiva, enquanto que apenas 1,6% dos indivíduos praticantes de atletismo, com deficiência mental ligeira assinalou esta opção. Por outro lado, 23,3% dos indivíduos praticantes de atletismo com deficiência mental ligeira, indicou os professores como tendo sido os agentes que motivaram pela primeira vez os atletas inquiridos, em termos de prática desportiva adaptada, enquanto que esta opção não foi assinalada por qualquer atleta praticante de basquetebol em cadeira de rodas.

Tabela 1 - Tabela de frequências relativa à variável agentes que motivaram pela primeira vez o atleta para a prática desportiva adaptada

Agentes que motivaram pela primeira vez o atleta para a prática desportiva adaptada?	n	%
Pais	4	6.7
Familiares	2	3.3
Amigos sem deficiência	3	5.0
Amigos com deficiência	20	33.3
Escola	7	11.7
Professores	14	23.3
Terapeutas	2	3.3
Grupo desportivo ou associação de indivíduos com deficiência	4	6.7
Treinador	1	1.7
Outros	3	5.0
Total	60	100.0

Tabela 2 - Tabela de frequências relativa à variável principais agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta (1ª opção)

Agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta (1ª opção)	n	%
Pais	7	11,7
Familiares	4	6,7
Amigos sem deficiência	3	5,0
Amigos com deficiência	13	21,7
Escola	3	5,0
Professores	14	23,3
Médicos	1	1,7
Terapeutas	2	3,3
Grupo desportivo ou associação de indivíduos com deficiência	4	6,7
Grupo desportivo ou associação de indivíduos sem deficiência	1	1,7
Treinador	2	3,3
Outros	6	10,0
Total	60	100,0

A tabela 2 apresenta os valores relativos à variável principais agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta. Verificámos que os professores (23,3%) e os amigos com deficiência (21,7%) continuam a ser indicados como tendo exercido maior influência ao longo da carreira do atleta. Vinte por cento dos indivíduos com deficiência motora apresentam como agentes mais importantes, ao longo da sua carreira, os amigos com deficiência, enquanto que 23,3% dos atletas com deficiência mental ligeira indicam os professores como tendo desempenhado este papel.

A tabela 3 apresenta os resultados da segunda opção na hierarquia dos principais agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta. Como segunda opção surgem os pais (18,3%), os grupos desportivos ou associações de indivíduos com deficiência (13,3%), os familiares (10%), os amigos com deficiência (10%) e os treinadores (10%). É ainda importante salientar que 15% dos inquiridos não mencionou um segundo agente na escala hierárquica. Verificámos ainda que 13,3% dos atletas com deficiência mental ligeira consideram os pais como principais agentes que os motivaram ao longo da sua carreira desportiva, enquanto que apenas 5% dos praticantes de basquetebol em cadeira de rodas, com deficiência motora, assinalaram esta opção. No que diz respeito aos grupos desportivos ou associações de indivíduos com deficiência verificava-se o contrário, ou seja, 10% dos atletas com deficiência motora praticantes de basquetebol em cadeira de rodas indicaram esta opção, contra apenas 3,33% dos atletas praticantes de atletismo com deficiência mental ligeira.

Tabela 3 - Tabela de frequências relativa à variável principais agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta (2ª opção)

Variável principais agentes que exerceram uma influência decisiva, em termos de motivação para a prática desportiva adaptada, ao longo da carreira do atleta (2ª opção)	n	%
Pais	11	18,3
Familiares	6	10,0
Amigos sem deficiência	3	5,0
Amigos com deficiência	6	10,0
Escola	3	5,0
Professores	2	3,3
Terapeutas	2	3,3
Grupo desportivo ou associação de indivíduos com deficiência	8	13,3
Grupo desportivo ou associação de indivíduos sem deficiência	1	1,7
Treinador	6	10,0
Televisão e rádio	1	1,7
Outros	2	3,3
Não mencionou	9	15,0
Total	60	100,0

DISCUSSÃO

Estudos realizados por (Dickinson, 1985; Hopper, 1986; Kennedy, 1980; Williams, 1994a) analisaram o processo de socialização dos indivíduos com lesão medular e amputados praticantes de desporto em cadeira de rodas. A maioria destes estudos aponta os pares e os amigos como sendo os principais agentes de socialização, seguidos por agentes da comunidade tais como instituições, centros recreativos e outros envolvimento não escolares, e ainda pela escola e pela família. Os resultados obtidos no presente trabalho vêm reforçar esta ideia, uma vez que os indivíduos praticantes de basquetebol em cadeira de rodas indicaram os amigos com deficiência como os primeiros e também os principais agentes de socialização para a prática desportiva adaptada, logo seguidos pelos pais e pelos grupos ou associações de indivíduos com deficiência. Outros estudos mais recentes (Williams, & Kolkka, 1998; Williams, & Taylor, 1994), destacam o papel desempenhado por outros atletas, mais propriamente atletas veteranos, como principais agentes de socialização de atletas mais novos e de atletas iniciantes, principalmente em modalidades desportivas associadas ao desporto em cadeira de rodas, como é o caso do atletismo (maratona em cadeira de rodas) e dos basquetebol em cadeira de rodas. Nestes grupos, os pares foram já há algum tempo identificados como importantes veículos de transmissão de conhecimento associado a uma subcultura própria. Foram igualmente identificados com agentes primários de socialização, encorajando indivíduos mais novos a participar no desporto em cadeira de rodas e servindo frequentemente como fontes de transmissão de informação útil associada à prática desportiva, num processo de socialização que se estende largamente até à idade adulta (Williams, 1993).

Recentemente, Ferreira (2004) entrevistou 14 atletas praticantes de basquetebol em cadeira de rodas relativamente à importância que a prática de desporto adaptado desempenhou nas suas

vidas. A maioria dos participantes indicou os atletas mais velhos e mais experientes como os principais agentes de socialização que os levaram a praticar desporto em cadeira de rodas. Por seu lado, os atletas mais velhos referiram-se com frequência ao importante papel que desempenhavam na iniciação dos mais novos, daqueles que tinham adquirido a deficiência à menos tempo e que não tinham tido ainda oportunidade de estabelecer contacto com o desporto adaptado, incentivando-os e transmitindo normas, valores e rotinas associadas à prática desportiva em cadeira de rodas.

No que diz respeito aos indivíduos com deficiência mental, os trabalhos relativos aos principais agentes de socialização são ainda mais escassos. McEvoy et al. (1990) menciona a família como sendo um dos envoltimentos tido como fundamental em termos de prática desportiva adaptada. Em nossa opinião, o processo educacional normalmente percorrido pelo indivíduo com deficiência mental, quer em termos de escolarização quer, mais tarde em termos de formação profissional, faz com que a escola e os agentes educativos que nela coabitam possam ter um papel fundamental na introdução e na motivação deste grupo particular em termos de prática desportiva adaptada. Os resultados obtidos no presente trabalho apontam para que os professores, os pais, a escola e os treinadores possam ser apontados como os principais agentes de socialização para a prática desportiva adaptada na área da deficiência mental ligeira.

Em síntese, estes resultados indicam a existência de uma heterogeneidade no que diz respeito aos primeiros e aos principais agentes de socialização para a prática desportiva adaptada apresentados pelos dois grupos de atletas analisados. Os atletas com deficiência mental ligeira, praticantes de atletismo, apresentam os professores, os pais e a escola como os primeiros e principais agentes de socialização para a prática desportiva adaptada, enquanto os atletas com deficiência motora, praticantes de basquetebol em cadeira de rodas apresentam os amigos com deficiência, os pais e os grupos desportivos ou associações de indivíduos com deficiência como tendo desempenhado essa função. Deste modo, o processo de socialização para a prática desportiva é diferente de grupo para grupo, confirmando o pressuposto de que os indivíduos com deficiência vivem a sua vida em contextos sociais diferenciados pelo que será legítimo esperar que o impacto e a importância dos diferentes agentes de socialização seja igualmente diferente, de acordo com o contexto social em que a prática desportiva ocorre. Estas diferenças poderão contribuir, por um lado, para que possamos corrigir algumas expectativas relativamente à homogeneidade da população com deficiência, e por outro para repensar as generalizações que fazemos face a determinados grupos ou face a determinadas estratégias de intervenção direccionadas para esses grupos.

Bibliografia

- Bandura A** (1969). Social learning of moral judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 13, 275-278.
- Biddle SJH, Mutrie N** (2001). *Psychology of Physical Activity: Determinants, well-being and interventions*. London: Routledge
- Cruz J** (1986). Avaliação psicológica da selecção regional. In: **AD Cunha** (Ed.), *Relatório do Estágio das Selecções Regionais*. Braga: Associação de Andebol de Braga.
- Dickinson J, Perkins D** (1985). Socialization into physical activity for the disabled populations. *Canadian Association for Health, Physical Education and Recreation Journal*, Nov-Dec, 4-12.
- Ferreira JP** (2003). Motivação para o exercício e para a prática desportiva em populações especiais. *Revista Treino Desportivo*, Agosto, 18-23.
- Ferreira JP** (2004). *Physical Self-Perceptions in Wheelchair Sport Participants*. Unpublished PhD Thesis, University of Bristol, Bristol.
- Gill D, Gross J, Huddleston S** (1983). Participation Motivation in Youth Sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14, 1-14.
- Hopper C** (1986). Socialization of wheelchair athletes. In **C Sherrill** (Ed.), *Sport and disabled athletes - The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings* (Vol. 9). Champaign: IL: Human Kinetics.
- Kennedy MJ** (1980). *Sport role socialization and attitudes toward physical activity of wheelchair athletes*. Unpublished master thesis, University of Oregon, Eugene.
- Kenyon GS, McPherson BD** (1981). Becoming involved in physical activity and sport: A process of socialization. In **G S Kenyon, JW Loy, BD McPherson** (Eds.), *Sport, culture and society: A reader on the sociology of sport* (pp. 217-237). Philadelphia: Lea & Febiger.
- Loy JW, Ingham A** (1973). Play, games and sport in the psychological development of child and youth. In **GL Rarick** (Ed.), *Physical activity: Human growth and development* (pp. 257-302). New York: Academic Press.
- Marivoet S** (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto - Ministério da Juventude e do Desporto.
- McEvoy MA, Shores RE, Wehby JH, Johnson SM, Fox JJ** (1990). Special-education teachers implementation of procedures to promote social interaction among children in integrated settings. *Education and Training in Mental Retardation and Developmental Disabilities*, 25, 267-276.
- Sherrill C, Pope C, Arnhold R** (1986). Sport socialization of blind athletes - an exploratory study. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, May, 740-744.
- Williams T** (1993). *The social influences on the moral behaviour of athletes with disabilities*. Paper presented at the Vista '93 Conference, Jasper, AB, Canada.
- Williams T** (1994a). Disability sport socialization and identity construction. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 11, 14-31.
- Williams T** (1994b). Sociological perspectives on sport and disability: Structural functionalism. *Physical Education Review*, 17, 14-24.
- Williams T, Kolkka T** (1998). Socialization into wheelchair basketball in the United Kingdom: A structural functionalist perspective. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 15, 357-369.
- Williams T, Newman I** (1988). Initial research on integration and involvement in community sport and recreation. *Working papers of the Every Body Active Demonstration Project, N°4*, Sunderland Polytechnic.
- Williams T, Taylor D** (1994). Socialization, subculture, and wheelchair sport: The influence of peers in wheelchair racing. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 11, 416-428.